

SUICÍDIO NUMA SEGUNDA-FEIRA DE CARNAVAL

Carnaval é euforia. Extravaso, transbordo de alegria. Energia que quer pular, sambar e ver gente. Energia que não pára. Energia que pula frevo com a Mangueira, arrepia com a Viradouro e samba com a Salgueiro. Energia que percorre as ruas do Rio de Janeiro a procura de um espreme-espreme, de uma muvuca, de um bloco de rua. Energia que quer cantar com a galera, energia que quer torcer, energia que quer se esgotar de tanto pular carnaval.

É tanto excesso de energia que se transforma num curto-circuito, numa nostalgia qualquer, numa vontade de estar num desses carros alegóricos do Paulo Barros. Energia que termina na cama, esgotada, estressada e amargurada ouvindo os ruídos do pandeiro na Sapucaí por uma onda de televisão qualquer. Energia que se dissipa entre peitos, bundas, fantasias e plumas.

Como isso tudo é vazio! Como isso tudo é falso! Como isso tudo é roubado! Como eu sou sem alegria! Como eu sou pessimista! Como eu era feliz e não sabia! Como eu sou complexa!

O "b a ba" da vida é tão simples baseado na teoria do pão-pão, queijo-queijo. Mas me deslumbro por aí, a procura de ilusão, a procura de sentimentos inexistentes. Vago pelo mundo por um ideal falido. O vinho já não me agrada. O bouquet ficou para trás, cumpre mera formalidade. A bebida adoça a minha boca, enquanto ouço o coro do Salgueiro, pulando do tempo da vinda Portuguesa em 1808, para a Era do Rádio. Só me resta a frase de Berman: "Tudo que é sólido se desmancha no ar"... E, eu, purpurina numa segunda-feira

do carnaval. Purpurina no corpo da mulata, no rosto da foliã, numa fantasia de carnaval...
Brilhando salpicada por aí.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/suicidio-numa-segunda-feira-de-carnaval-1>